

UMA REFLEXÃO A RESPEITO DOS CONCEITOS DE SEXO BIOLÓGICO, IDENTIDADE DE GÊNERO E IDENTIDADE AFETIVO-SEXUAL

SOUZA, Bruno Barbosa de¹
MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida²

RESUMO

Os conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e identidade afetivo-sexual (sexualidades) ainda são facilmente confundidos e, muitas vezes, colocados na mesma caixa. Nessa perspectiva, esse trabalho vem com o objetivo de refletir junto a alguns/mas teóricos/as a respeito desses conceitos. Quando falamos em gênero e sexualidades, não podemos esquecer que essas características são constituintes do ser humano, portanto, parte que compõe sua identidade. Dessa maneira, é importante compreender o que o termo identidade representa nesse diálogo, para fomentar o respeito a grupos sociais que historicamente foram e ainda são perseguidos por uma parcela conservadora de nossa sociedade. Ressaltamos aqui uma frase que Simone de Beauvoir inseriu logo no início de seu livro *O segundo sexo: a experiência vivida*, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, essa frase vai ao encontro do conceito de identidade que adotamos nesse texto, uma vez que, não nascemos mulheres, nem homens, mas sim, nos tornamos. Essa perspectiva trazida por Beauvoir alimenta o conceito de identidade, à medida que nos identificamos com os aspectos ditos femininos e masculinos, ou mesmo com ambos. E é essa construção diária das diversas identidades que nos tornam homens, mulheres, ambos ou até mesmo nenhuma dessas nomenclaturas. Pois quando falamos em identidades, estamos falando de inúmeras possibilidades de ser. Vale destacar aqui, uma breve diferenciação entre os conceitos que serão apresentados e discutidos no decorrer do texto: a começar pelo sexo biológico, que é definido por uma marca anatômica que nos é atribuído ao nascimento; a Identidade de gênero, que é o gênero pelo qual cada pessoa se identifica, masculino, feminino, ambos ou nenhum; e a Identidade Afetivo-sexual, diz respeito a nossa sexualidade, a maneira pela qual expressamos nossos sentimentos afetivos e sexuais por outras pessoas, ela é representada pela Heterossexualidade, Homossexualidade, Bissexualidade, Panssexualidade e Assexualidade. Discutir esses conceitos é urgente, visto que atualmente essas discussões vêm ganhando cada vez mais destaque, seja no meio

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, email: nano_bruno@hotmail.com

² Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática na Universidade Estadual de Londrina. Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista PNPd/Capes. Email: meglhioratti@gmail.com

Realização:



Apoio:





educacional ou político. Porém, mesmo com a discussão desses conceitos, ainda se tem resistências ao abordar o assunto, pois muitas pessoas motivadas por suas ideologias distorcem os significados dos mesmos, ignorando pesquisas e debates realizados há décadas, para que assim consigam manter a soberania de uma sociedade sexista, machista e heteronormativa. Quando falamos dessa soberania normativa que comanda o modo de ser e de estar em sociedade, temos que atentar para o fato de que somos construídos/as e controlados/as a todo momento, seja pelos discursos da mídia, pelas políticas e pelas religiões, esses discursos ditam as regras necessárias para estar em conformidade com determinados grupos sociais dominantes. Porém, ao passo que a sociedade se modifica, esses discursos passam a ser menos influentes, principalmente com o fortalecimento dos movimentos sociais que permitem repensar normas e como elas nos afetam e nos colocam em categorias cada vez mais específicas, segregando e jogando à margem da sociedade as pessoas que não estão dentro delas ou não se encaixam nos perfis impostos pelos dominantes. Nesse sentido, buscamos com esse trabalho apresentar uma maior compreensão e reflexão a respeito dos significados, relações e diferenças que existem entre esses conceitos, discutindo com autores/as que já discorrem a respeito do assunto. Entendemos que abordar esses conceitos é fundamental para o combate ao preconceito, à discriminação e à segregação humana.

Palavras-chave: Identidade; Gênero; Sexualidade; Sociedade.

INTRODUÇÃO

Os conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e identidade afetivo-sexual (sexualidades) ainda são facilmente confundidos e, muitas vezes, colocados na mesma caixa. Nessa perspectiva, esse trabalho objetiva refletir junto a alguns/mas teóricos/as a respeito desses conceitos.

Discussões em relação às temáticas de gênero e sexualidade vêm ganhando espaço lentamente, na sociedade em geral, por meios midiáticos, acadêmicos e educacionais, embora a inserção desses debates sofra algumas resistências – políticas e religiosas –, principalmente no âmbito educacional. Um exemplo disso é a retirada dos termos “sexualidade” e “identidade de gênero” da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O despertar para essas discussões segundo Louro (1997) surge no decorrer dos séculos, boa parte das vezes, por ações isoladas de mulheres que lutavam por uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres. Porém, quando nos referimos a um movimento feminista, Louro (1997) e Meyer (2013) afirmam que este se inicia em meados do século XIX. Nesse período, um

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



grupo de mulheres passara a se organizar, pós-industrialização inglesa, em busca de direito ao voto, passando a ser chamadas de “sufragistas”. Meyer (2013) indica ainda que o movimento feminista tem sido narrado por diferentes olhares de escritoras/historiadoras, porém, o que há de comum entre as histórias que elas contam são as referências que fazem a respeito da primeira segunda onda do movimento feminista³.

Nos descritos de Narvaz e Koller (2006) as autoras apontam que por volta dos anos de 1980, as feministas francesas passam a ser influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista, que na época era predominante na França, principalmente por Michel Foucault e Jacques Derrida, passando a conceber “[...] que as subjetividades são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo” (NARVAZ E KOLLER, 2006). Dá-se início a partir desses momentos a terceira onda do movimento feminista⁴. Esses movimentos foram significativamente importantes para a redefinição das noções de corpo e de sexualidade, que são utilizadas até os dias atuais.

A partir do momento que esses grupos de mulheres passaram a reivindicar seus direitos com maior intensidade, perpetuando essa luta no decorrer das décadas, a sociedade passou a ser mais questionada quanto ao real

³ A primeira onda do movimento feminista ocorre durante o século XIX até o início do XX e “Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento” (LOURO, 1997, p. 15).

A segunda onda do movimento feminista: “[...] será no desdobramento da assim denominada “segunda onda” — aquela que se inicia no final da década de 1960 — que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate que a partir de então se trava, entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero” (LOURO, 1997, p. 15).

⁴ A terceira onda do movimento feminista: “essa proposta concentra-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Com isso, desloca-se o campo do estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero. Neste sentido é que algumas posições, ainda que heterogêneas, distinguem os Estudos Feministas - cujo foco se dá principalmente em relação ao estudo das e pelas mulheres, mantidas as estreitas relações entre teoria e política-militância feminista - dos Estudos de Gênero. [...] nesta terceira fase do movimento feminista, observa-se intensamente a intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, quando começam a ser criados nas universidades”. (NARVAZ & KOLLER, 2006, p. 649).

Realização:

Apoio:



posicionamento da mulher na sociedade, não mais como “belas, recatadas e do lar”, mas como partes fundamentais da sociedade, assim como os homens eram considerados. Aos poucos as mulheres foram adentrando os espaços sociais, a política e a academia, iniciando grandes reflexões a respeito do corpo, de gênero, da sexualidade e principalmente das regras de comportamento que eram, e ainda são impostas pela sociedade.

Nessa perspectiva, esses movimentos de mulheres que se fazem presentes nos discursos de Louro (1997) e Meyer (2013) passaram a abordar e refletir a respeito de assuntos até então invisibilizados, com reflexões que iam para além das questões biológicas e religiosas. Dentre essas mulheres, estão teóricas que escrevem a respeito do tema com grande maestria, como por exemplo, Simone de Beauvoir (1967), Joan Scott (1995), Guacira Lopes Louro (1997). Essas e outras autoras e autores vêm discutindo os conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e identidade afetivo-sexual há muitos anos, e contribuindo para repensar como esses conceitos fazem parte do nosso cotidiano.

Para entendermos melhor os conceitos abordados nesse trabalho faremos inicialmente uma reflexão a respeito do termo identidade, uma vez que, quando falamos em gênero e sexualidade, não podemos esquecer que essas características são constituintes do ser humano, portanto, parte que compõe sua identidade.

1. REFLETINDO ACERCA DO CONCEITO DE IDENTIDADE

Quando falamos dos conceitos que compõem o tema desse artigo, um primeiro questionamento é quanto à palavra identidade, uma vez que diferentes autores/as anunciam os conceitos de maneiras diferentes. Nesse sentido, buscamos refletir acerca do conceito de identidade por uma perspectiva pós-estruturalista, pois compactuamos com a ideia de que esses conceitos, tanto o de identidade quanto os de gênero e sexualidades, são polissêmicos, existindo mais de uma definição dependendo da perspectiva teórica que é adotada.

Simone de Beauvoir (1967, p. 9) destaca de forma precursora nas discussões a respeito das relações de gênero: “não se nasce mulher: torna-se mulher”. O fato de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



não nascermos mulheres ou homens diz respeito a construção de nossa identidade e as construções sociais que se delimita e naturaliza a respeito do que é considerado feminino ou masculino. Assim, podemos nos identificar ao longo da nossa construção identitária com aspectos que a sociedade naturalizou como femininos, masculinos ou com ambos. É nessa construção diária que nos tornamos homens, mulheres ou ambos ao se construir diversas identidades de gênero.

Guacira Lopes Louro em seu livro “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista” faz uma reflexão importante a respeito do conceito de identidade:

E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias (LOURO, 1997, p. 24).

Contribuindo e reafirmando o pensamento acima, Tilio (2009) nos diz que o conceito de identidade deve ser entendido dentro de uma perspectiva socio-construcionista, ou seja, nossa identidade é construída a partir das relações sociais, e não são “[...] definidas biologicamente ou fixas” (TILIO, 2009, p. 111). Portanto, Louro (1997) e Tilio (2009) indicam que a identidade é fluída, que está sempre se transformando e se contradizendo. Essa visão de identidade supera o pensamento de que nascemos programados - biologicamente ou por uma entidade divina - e que qualquer ato que fuja dessa programação seja considerado não natural.

Indo além nessa perspectiva do que significa o conceito de identidade, Butler (2014, *apud* PISA, 2016) entende a identidade como uma autonegociação de várias influências para se criar uma expressão particular. Nessa perspectiva, passamos a entender que nossa identidade é construída, redefinida e transformada a todo o momento, e que não há nada definitivo. Somos seres que estão em constante contato com diversas culturas, línguas, grupos sociais, e que aos poucos esse

contato vai construindo quem somos, nossos posicionamentos sociais, políticos, entre outros.

Deste modo, salientamos a necessidade do uso do conceito de identidade quando vamos refletir a respeito de gênero e sexualidade, pois temos que pensar as diferentes possibilidades de ser e estar na sociedade. Muitos discursos alocam a ideia de gênero e sexualidade como identidades pré-definidas, concretas e imutáveis. Nesse sentido Louro (2008) nos faz refletir a respeito.

Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição de sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem. A posição normal é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem (LOURO, 2008, p. 22).

Compreendemos, portanto, que nossa sociedade se constitui por meio de uma construção sócio-histórica, com uma identidade referência, já estabelecida, e a partir disso, temos uma série de “regras” que devem ser seguidas. Cumprir essas “regras” é garantir seu lugar dentro do que é considerado “normal”, e toda pessoa que não se encaixa dentro dessa “normalidade”, criada para controlar corpos e indivíduos, é automaticamente atacada e ridicularizada, na tentativa de normalizá-la. Nessa perspectiva, Bortolini (2008) faz referência a uma “identidade universal contanto que o universal seja o “homem” ou, mais especificamente, “heterossexual”” (BORTOLINI, 2008, p. 40).

Somos construídos/as e controlados/as a todo o momento, por meio dos discursos da mídia, pela política, pelas religiões, que nos ditam as regras necessárias para estar em conformidade com determinados grupos sociais, porém, com o fortalecimento dos movimentos sociais, passamos a repensar essas normas, como elas nos afetam e nos colocam em caixas cada vez mais específicas, segregando e jogando à margem da sociedade as pessoas que não estão dentro

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



delas. Nesse sentido, ao pensarmos o termo identidade aplicado aos conceitos de gênero e sexualidade, fazemos referência a todas as possibilidades de ser e estar em sociedade, construindo nossas relações com o/a outro/a, e nos (re)construindo. A seguir, iremos discutir junto a alguns referenciais teóricos como os conceitos de Sexo Biológico, Identidade de Gênero e Identidade Afetivo-sexual se diferenciam.

1.1. Compreendendo e refletindo acerca do conceito de Sexo Biológico

O Sexo é Biológico, e por fazer parte do corpo orgânico, também atua na construção das identidades (GIFFIN, 1991). Nesse sentido, quanto ao conceito do Sexo Biológico Arán (2006) nos esclarece que são os órgãos reprodutivos, os quais são programados e fixados ao corpo orgânico, conhecidos por pênis, vagina ou ambos. Essa marca biológica que compõe esse corpo orgânico não necessariamente irá definir a Identidade de Gênero, muito menos nossa Identidade Afetivo-sexual. Portanto, vale lembrar que por mais que os conceitos de Sexo Biológico, Identidade de Gênero e Identidade Afetivo-sexual se assemelhem e se conversem, eles não possuem significados idênticos.

Quando falamos de sexo biológico, contudo, temos que pensá-lo também por um viés social, uma vez que nossa sociedade foi e ainda é construída a partir desses órgãos. Segundo apontamentos de Souza e Carrieri (2010) por volta do século XVI e XVII a mulher era considerada um homem invertido e inferior, uma vez que seus órgãos reprodutores possuíam uma anatomia que lembrava os órgãos masculinos, levando a sociedade a ter um pensamento de que a mulher era um homem imperfeito. Ainda de acordo com os autores, quando o clitóris foi então descoberto, o mesmo recebeu o nome de pênis da fêmea. Nesse sentido, ressaltamos a ideia de se pensar o conceito de Sexo Biológico por um viés também social, uma vez que a sociedade construiu aspectos ideológicos e valores associados à presença das genitálias, mais especificamente, da genitália masculina, já que essa era referência de poder.

O sexo biológico masculino e a presença do pênis foram e ainda são frequentemente associados ao poder, força e inteligência. Já o sexo biológico

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



feminino e a presença de vagina são quase automaticamente associados à submissão ao homem, à fragilidade e à doçura. Já as pessoas que nascem com as duas marcas biológicas, conhecida pela medicina como hermafroditas⁵ e denominada pelos/as estudiosos/as da área sociológica como intersexo, são considerados/as por boa parte da sociedade como aberrações. Pessoas intersex⁶ são comumente submetidos/as a procedimentos cirúrgicos para “adequar” sua “anormalidade”, uma vez que para a sociedade ela não está em conformidade com o todo.

A sociedade a todo o momento busca diferenciar homens e mulheres, indicando elementos que representam essas duas categorias, elementos esses que não se conversam, que são definitivos e em momento algum podem ou devem ser questionados. Essa busca por diferenciar e colocar homens e mulheres em caixinhas pré-estabelecidas é o que alimenta um sistema social baseado na segregação e no preconceito, na qual a “ordem natural” predominante é a binária, homem/pênis e mulher/vagina. Nesse sentido, “[...] a naturalização do modelo binário e identitário é uma estratégia que permite a manutenção de velhas práticas de controle, só que com uma nova roupagem” (SOUZA E CARRIERI, 2010, p. 67).

A visão binária, com dominância do sexo masculino, esteve na base de processos discriminatórios durante séculos, enclausurando e matando milhares de pessoas. Esse poder falocêntrico foi e é exercido por grupos dominantes, majoritariamente formados por homens brancos, que ditam regras e modos de viver em sociedade. São esses mesmos grupos que disseminam o pensamento de que as “[...] características psicológicas, sociais e outras de homens e mulheres são

⁵ O Hermafroditismo Verdadeiro (HV), assim descrito na pesquisa de Damiani *et al.* (2005) na qual eles/as relatam que “O HV continua a ser uma condição clínica que desafia a compreensão de clínicos e de pesquisadores na área das anomalias da diferenciação sexual. A grande maioria dos pacientes portadores de HV é encaminhado aos serviços especializados devido à ambiguidade genital. No entanto, o HV pode coexistir com genitálias externas normais, não ambíguas” (DAMIANI *et al.*, 2005, p.76),

⁶ “pessoas intersex são comumente associadas a hermafroditas, ou seja, pessoas que possuem ambos os sexos biológicos. Entretanto, de forma mais ampla, são pessoas que têm características que divergem fisicamente dos corpos masculinos e femininos, sendo considerados indivíduos que apresentam uma condição de não conformidade física com os critérios identitários culturalmente definidos de normalidade” (SOUZA & CARRIERI, 2010, p. 57).

Para mais informações ver em PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos pagu* v. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007.

Realização:

Apoio:



decorrentes e consequências naturais da própria ordem biológica” (ZUCCO, 2008, p. 12). Esse pensamento de que existem posições sociais, comportamentos, vestimentas, para homens e mulheres devido à sua “programação biológica”, é o que alimenta a segregação, o ódio e o preconceito em nossa sociedade.

Destacamos aqui, que não há uma definição universal de “mulher” e “homem”, pois existem outros marcadores, como os sociais: raça, sexualidade, classe, nacionalidade. Esses outros marcadores fazem parte da construção da definição do que é ser “mulher” e “homem”, e esses questionamentos a respeito desses outros marcadores começam a ser levantados na terceira onda do feminismo, que refletem na perspectiva pós-estruturalista, de que não se pode falar em “mulher” e “homem” sem considerar os diversos marcadores sociais.

1.2. Refletindo acerca da Identidade de Gênero

Quando falamos em Identidade de Gênero, temos que pensar esse conceito inserido e pertencente a um contexto sócio-histórico, que passa por incessantes transformações. Tendo isso em mente, Neves, Alencar e Fonseca (2005) nos esclarecem que devemos considerar o conceito de Gênero fazendo referência a um sistema de papéis e relações que são desempenhados por homens e mulheres, esse sistema é controlado pelo contexto social, cultural, político e econômico, que é gerido por pessoas consideradas pertencentes a um grupo dominante. Como já exposto anteriormente, nossa sociedade impõe algumas regras partindo de um “modelo” de sujeito, para estabelecer aquilo que ela considera “normal” e “anormal”.

Nesse sentido, entendemos que Identidade de Gênero refere-se à maneira pela qual nos identificamos enquanto homens, mulheres ou até mesmo, como explica Jesus (2012) podendo ocorrer à possibilidade da existência de pessoas que não se identificam com qualquer Gênero. A autora explica também que varia o modo como essas pessoas são chamadas, por alguns/mas estudiosos/as, que “[...] utilizam o termo queer, outros/as, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero” (JESUS, 2012, p. 10).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Segundo apontamentos de Souza e Carrieri (2010) foi somente a partir do século XVIII, que houve a possibilidade de se falar de gênero. Até o respectivo período, como apontam os autores, só existia um sexo, o masculino, e não havia sentido algum se debater os aspectos que eram relacionados ao Gênero. Os anos se passaram e as lutas por igualdade entre homens e mulheres se intensificaram, porém, Louro (1997) aponta que foi somente no fim dos anos de 1960, com a explosão da segunda onda do movimento feminista, que se tornou frequente o debate pelas mudanças culturais e identitárias, questionando as imposições sociais de um binarismo⁷ padrão quanto ao Gênero e a Sexualidade. A hegemonia branca, heterossexual, cisgênera, cristã, passou a ser questionada e problematizada, e o feminismo segundo Pisa (2016) buscou uma nova identidade, sem que ela fosse desempenhada em função do homem. Dessa maneira, as ações dos movimentos feministas passaram a despertar o desejo pela busca de direitos em outros movimentos, como o LGBT, que lutaram por direitos iguais para as Identidades Afetivo-sexuais “que iam contra ideologias historicamente impostas” (PISA, 2016).

Nesse sentido, Louro (2008) nos fala de uma nova política, a das identidades, que cada vez mais busca a transgressão das fronteiras do Gênero, com o intuito de gerar uma reflexão para com todo o processo de construção sócio-cultural das identidades, envolvendo o conceito de Gênero, mostrando dessa maneira para a sociedade as diversas possibilidades identitárias que cada um/a possui, a fim de acabar com a busca compulsória para se encaixar nas normas sociais que nos são impostas.

1.3. Identidade Afetivo-sexual

O uso do termo Identidade “Afetivo-sexual” vem de acordo com o que aponta Jesus (2012), de que nos relacionamos afetiva e sexualmente com outras pessoas, portanto, acreditamos que o emprego desse termo no lugar de “orientação sexual” se encaixa melhor à temática, do ponto de vista que a sociedade tem para si apenas

⁷ “Também denominado como “dimorfismo sexual”. Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino. Quando essa ideia está associada à de que existiria relação direta entre as categorias sexo (biológica) e gênero (psicossocial), incorre-se no cissexismo” (JESUS, 2012, p. 28).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



uma orientação padrão, a heterossexualidade, que nos é pregada como a mais “correta” desde o nascimento até a morte. O uso desse termo é empregado por outros/as autores/as como Jesus (2012); Ferreira e Santos (2014) e Santos (2015), que já trazem o termo com essa perspectiva.

Nossa sociedade possui algumas outras Identidades Afetivo-sexuais que diferem daquela que é padrão, a Heterossexual, tais como a Homossexualidade, Bissexualidade, Panssexualidade e Assexualidade. Nesse sentido faremos uma breve explicação de cada uma delas, a começar pela padrão, Heterossexualidade: na qual uma pessoa sente atração afetiva e sexual por outra pessoa cuja identidade de gênero difere da sua; Homossexualidade: Pessoa que sente atração afetiva e sexual por outra pessoa cuja identidade de gênero é a mesma; Bissexualidade: Pessoa que sente atração afetiva e sexual por outra pessoa de qualquer gênero; Panssexualidade: Pessoa que sente atração afetiva e sexual pelo/a outro/a independente da Identidade de Gênero, sexualidade ou Sexo Biológico.; Assexualidade: Pessoa que não sente atração sexual por nenhuma outra pessoa, ela pode se envolver afetivamente com qualquer outra pessoa, porém não desenvolve o desejo sexual (JESUS, 2012).

Vale destacar que as possibilidades de amar e de se relacionar afetiva-sexualmente com outras pessoas se ampliaram, pois, vivemos em um período que as formas de relacionamentos interpessoais se transformaram, por mais que ainda existam sociedades que ditam como e com quem se relacionar. Pois “[...] o único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la” (LOURO, 2008, p. 23). Porém, por mais que tenhamos evoluído quanto aos modos de relacionamentos Afetivo-sexuais, Louro ainda nos alerta para o fato de que as formas de regulação de comportamento também se diversificaram, mantendo como alvo primário dessa vigilância e controle aquelas pessoas que não se identificam com aquela sexualidade padrão, que é pregada por grupos dominantes de nossa sociedade. Esses grupos são formados por uma camada da sociedade composta por homens brancos, heterossexuais e cisgênero⁸, que ditam regras desde o

⁸ “Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento.” (JESUS, 2012, p.10).

Realização:

Apoio:



passado, até os dias atuais, buscando sempre colocar pessoas em caixinhas específicas, uniformizando corpos e comportamentos. Esse padrão heterossexual conhecido também como Heteronormatividade, baseia-se na crença de que a Heterossexualidade é a única faculdade que define o ser humano enquanto “normal”, portanto, “[...] qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização” (JESUS, 2012, p.29).

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou fazer uma reflexão a respeito dos conceitos de Sexo Biológico, Identidade de Gênero e Identidade Afetivo-sexual, pois estes ainda são frequentemente confundidos, isso quando não apresentam os mesmos significados. Nesse sentido, refletimos com outros/as autores/as, trazendo novos olhares e pensamentos acerca desses conceitos, de maneira ampla e objetiva, possibilitando aos/as leitores/as uma reflexão quanto ao significado de cada um, ampliando seu conhecimento e até mesmo o seu modo de ver o mundo.

Este trabalho não possui caráter conclusivo ou definitivo, pelo contrário, o mesmo vem com o intuito de despertar uma maior reflexão a respeito dos conceitos, de modo que inspire novas análises e discussões, pois toda contribuição para o debate se apresenta valiosa e construtiva, possibilitando uma maior clareza para com esses conceitos.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro – RJ. v. 9, n. 1, p. 49-63, jan/jun, 2006.

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2ª ed. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BORTOLINI, A. *Diversidade sexual e de gênero na escola: Uma perspectiva inter-relacional e intercultural*. In: BORTOLINI, A. (org.). *Diversidade sexual e de gênero*

Realização:



Apoio:





na escola: Educação, cultura violência e ética. 1ª ed. UFRJ, RJ: Pró-Reitoria de extensão, 2008.

DAMIANI, D.; *et al.* Hermafroditismo Verdadeiro: Experiência Com 36 Casos. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*. V. 49, n. 1, Fev. 2005.

FERREIRA, M. O. V.; SANTOS, L. P. dos. Diversidade sexual e docência na produção do Grupo de Trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista educação PUC-Campinas*, Campinas - SP, v. 19, n. 3, p. 195-204, set./dez., 2014.

GIFFIN, K. M. Nosso Corpo nos Pertence: a dialética do biológico e do social. *Cadernos de saúde pública*, RJ. v. 7, n. 2, p. 190-200, abr/jun, 1991.

JESUS, J. G. de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília – DF, 42 p. 2012.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas - SP, v. 19, n. 02, p. 17-23, mai./ago. 2008.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

MEYER, D. E. *Gênero e educação: teoria e política*. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.). *Corpo, gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, PR, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NEVES, S. M.; ALENCAR, M. L.; FONSECA, A. S. A. da. *Gênero e sexualidade: o papel do professor na definição dos papéis sociais*. 2005. Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/256.pdf>>. Acesso em 17 fev. 2017.

PEREIRA, F. C. S. M. *A sexualidade como componente da identidade humana*. 2006. Disponível em:

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt15/GT15_2006_03.PDF>. Acessado em 31 mar. 2017.

PISA, L. F. *A desestabilização das identidades de gênero e o novo posicionamento da marca Axe: a mudança do ethos do homem*. 2016. Disponível em: <http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT9/GT09-LICIA_PISA.pdf>. Acesso em 20 fev. 2017.

SANTOS, H. C. da C. Diversidade sexual e a proteção dos direitos no ambiente escolar. *Tem@ - Revista Eletrônica de Ciências*. v. 16, n. 24/25, jan./dez., 2015.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. p. 71-99, 1995.

SOUZA, E. M. de; CARRIERI, A. de P. A analítica *queer* e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *RAM, Revista de Administração Mackenzie*, v. 11, n. 3, edição especial, São Paulo – SP. p. 46-70, mai./jun. 2010.

TILIO, R. *Reflexões acerca do conceito de identidade*. 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/Particular/Downloads/529-2075-1-PB.pdf>>. Acesso em 17 fev. 2017.

ZUCCO, L. *Relações de gênero: Um eixo norteador da educação sexual*. In: BORTOLINI, A. (org.). *Diversidade sexual e de gênero na escola: Educação, cultura violência e ética*. 1ª ed. UFRJ, RJ: Pró-Reitoria de extensão, 2008.

A REFLECTION CONCERNING THE CONCEPTS OF BIOLOGICAL SEX, GENDER IDENTITY AND AFFECTIVE-SEXUAL IDENTITY

Abstract

The concepts biological sex, gender and affective-sex identities (sexualities) are still easily confused and, most of the times, inserted in the classification. In this perspective, this article aimed to reflect about those concepts from some theoreticians. When it is talked about gender and sexualities, it cannot be forget that

Realização:



Apoio:



those characteristics take part of the human being, that is, part of the identity. Likewise, it is important to understand what the term “identity” represents in this dialog, once it is to base the respect to social groups that had been persecuted and are still persecuted by a piece of the conservative society. It is highlighted a phrase that Simone de Beauvoir has inserted in the beginning of her book “l'expérience vécue”, “nobody is born as woman: becomes one”; this phrase follows the concept of identity, which it is used in this text, once people become women or men. That perspective brought by Beauvoir helps the identity concept once people notice themselves female's, male's or maybe both of them aspects. That thinking of many identities is what makes people one of those nomenclatures or none of them. When it is talked about identities, it is talking about many possibilities of how to be. It is also vital to remind a brief different among the concepts that will be presented and discussed in the course of this article. At first, biological sex: an anatomic label that is attributed to people when they are born; gender identity: the gender each person identify himself or herself: male, female, both of them or none of them; affective-sexual identity: related to the sexuality, the way in which the affective and sexual feelings are expressed to others, such as heterosexuality, homosexuality, bisexuality, pansexuality and asexuality. Those concepts are necessary to be discussed because nowadays they have getting emphasis more and more in educational and political spheres. However, even discussing the mentioned concepts, there is resistance to deal with the subject. That is because many people, motivated by their ideologies, change the meanings, ignoring researches and debated done for decades, and this way they get to keep the sovereignty of a sexist, male chauvinist and heteronormative society. When this normative sovereignty, which leads the way of being in society, is approached, it is necessary to focus on the fact that everyone is modeled and controlled every time by media, politics and religions. Those speeches call the shots to be in accordance with certain dominate social groups. However, while society changes, those speeches became less influents, mainly after the strengthening of social movements that allow people to rethink norms and how they affect and insert people in categories each time more specific, segregating people who are not inside the patterns imposed by dominants. Hence, from this work, it has been sought to present a greater understanding and reflection about the meanings,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





relations and differences that exist among those concepts, basing on authors who had written about it. Approaching this subject is fundamental to combat prejudice, discrimination and segregation.

Keywords: Identity, Gender, Sexuality, Society.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

